

Considerações sobre trocas entre pais e filhos residentes em domicílios distintos – um estudo de caso para a Amazônia brasileira¹.

Thais Tartalha Lombardi²

Resumo

Mudanças nas relações entre gerações tem sido um assunto a ocupar grande parte do debate demográfico, em particular nos países da latino-americanos onde mudanças na estrutura etária e o envelhecimento populacional já se fazem sentir. Avanços importantes tem sido obtidos por análises em escalas mais locais, e têm apontado para a necessidade de melhor entender os determinantes dessas mudanças e qualificar as demandas que criam. Em particular pensar como dinâmicas familiares acomodam necessidades de diferentes grupos etários e a dependência em idades mais avançadas. Contudo, na região amazônica embora esta não seja uma temática recente ela ainda se concentra em estudos que abordam o ciclo de vida do domicílio, as relações intergeracionais, e a importância das trocas em áreas rurais, e embora incorporando as crescentes conexões com as áreas urbanas há uma lacuna sobre dinâmicas urbanas. Por isso este trabalho reflete sobre as trocas a partir da relação entre filhos residentes na Amazônia brasileira e seus pais residentes em outros domicílios (dentro e fora da Amazônia) e como as trocas nos informam sobre as estratégias familiares urbanas. Se utiliza um banco de dados composto surveys representativos das áreas urbanas de três municípios da Amazônia Legal Brasileira. Utilizando-se da análise de correspondência (CORA) para visualizar como tais trocas se caracterizam se logrou entender em escala local as estratégias das quais as trocas fariam parte. Os resultados demonstram que as trocas tem variações quanto ao seu tipo, gênero, e local de residência de pais e filhos, podendo ser entendidas como diferentes estratégias de enfrentamento das diferentes vulnerabilidades locais.

Introdução

Na contemporaneidade estudos sobre a Amazônia têm se preocupado em entender dinâmicas e estratégias domiciliares que estariam conectadas a transformações no uso e ocupação do ambiente (Barbieri & Pan 2013; Sawyer 1996; de Sherbinin et al. 2008; Padoch et al. 2008). Tais estudos estão assentados na ideia de que há uma interação simbiótica entre população e ambiente na qual o entendimento de aspectos de uma poderia jogar luz sobre outra e entendimento da interconexão entre elas resultar na compreensão da realidade local. Por isso muitos desses estudos tem buscado no conceito de ciclo vital (life cycle) ou curso de vida (life course) do domicílio as formas pela qual os arranjos domésticos, a estrutura etária, as ocupações, e as trajetórias migratórias, podem afetar o ambiente (ou serem motivadas por ele) (Guedes et al. 2011). Por isso quando as mudanças na dinâmica demográfica passam a implicar em temáticas centrais dos estudos de população e ambiente os elementos que constituem tais debates passam a fazer parte do rol de questões que precisam ser abordadas.

Sendo que muitos dos estudos recentes tem focalizado análises a partir das áreas rurais e só mais recentemente tem incorporado abordagens que partem do urbano para o rural ou centrados apenas em áreas urbanas. Acrescente-se que seguindo a tendência da população brasileira também nas áreas urbanas na Amazônia é possível perceber mudanças na estrutura

¹ Trabajo presentado en el VI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, realizado en Lima – Perú, del 12 al 15 de agosto de 2014.

² Doutora em Demografia pelo IFCH-Unicamp, colaboradora no NEPO-Unicamp (thatartalha@gmail.com).

etária que apontam para um envelhecimento da população, acompanhada de mudança na distribuição dessa população que cada vez mais se concentra em áreas urbanas (Hogan et al. 2008; Carmo & D'Antona 2011; de Sherbinin et al. 2008). Com isso se reforça o fato de ser a transição demográfica não é um fenômeno exclusivo de áreas mais industrializadas e urbanizadas mas sim desencadeada em todo o país. Por isso é pertinente se ocupar em pensar temas como a diminuição no tamanho dos domicílios e o envelhecimento e como tais aspectos tem se desdobrado e o que isso está significando em termos de dinâmica demográfica e estratégias familiares. Para além, deve-se discutir também os desdobramentos paralelos da transição demográfica e da urbanização, já que ambos os processos são marcos fundamentais das mudanças nas dinâmicas em escala local e global (Caldwell 2008; Dyson 2011).

Sendo assim este trabalho procura se somar a esses estudos que se preocupam em entender esse urbano amazônico e o faz a partir do entendimento das relações entre domicílios situados em três áreas urbanas da porção centro-sul da Amazônia Legal brasileira e os domicílios de seus pais, situados na Amazônia Legal ou qualquer outro estado do país. Com isso se pretende oferecer elementos para pensar o urbano amazônico a partir da família e em particular as relações entre pais e filhos e como isso estaria sendo representado em termos de dependência e independência entre domicílios, relações entre gerações, e impactos sobre a constituição do urbano e das relações rural-urbano. Recortamos aqui as estratégias familiares, centradas nas trocas intergeracionais e nas visitas, como chaves para entender os efeitos do envelhecimento na dinâmica da população. Nos preocupamos em entender se para populações urbanas na Amazônia as estratégias familiares se assemelham ou se diferenciam do que tem apontado a bibliografia que tem pensado reflexos dessa mudança para o Brasil como um todo. Foram feitas análises a partir dos resultados de análises de correspondência (CORA) que exploraram os locais em que se situam os domicílios dos filhos e dos pais, o estabelecimento e qualificação das trocas entre eles (incluindo visitas), a idade e a independência (ou dependência).

Os resultados indicam que as trocas são mais motivadas por contextos nos quais relações de gênero, trajetórias migratórias, e situação ou localização do domicílio dos pais e dos filhos, tendo grande influência e variabilidade. Em grande parte dos casos a proximidade da família refletiu trocas de diferentes características e visitas mais intensas, envolvendo mais parentes. Entretanto, na comparação com os demais casos onde há proximidade e não há troca, pareceu serem a proximidade, a troca, e a visita, melhor interpretados como componentes de uma estratégia em que a família representa uma necessária rede de suporte e por isso proximidade do local de moradia não significaria que a relação entre pais e filhos resultaria em suporte ou contato. Do mesmo modo a distância entre os domicílios poderia ser parte de uma estratégia, captada aqui através das transferências monetárias para mães e sogras, ou de pais para filhos, ao mesmo tempo que se encontrou casos em que a distância implicou não haver contato com entre pais e filhos. Sendo assim, o entendimento das trocas e suas condições de existência demonstraram ser ferramentas úteis e elementos capazes de auxiliar no entendimento de dinâmicas entre gerações nesse momento de transição demográfica.

Dados, metodologia de análise e área de estudo

Para este estudo foram utilizados dados do banco de dados do projeto *Amazonian Deforestation and the Structure of the Households* captados através da realização de três surveys representativos para as áreas urbanas dos municípios de Altamira e Santarém, respectivamente no sudoeste e sudeste do estado do Pará, e Lucas do Rio Verde no norte do estado do Mato Grosso. O survey compreendeu a aplicação de questionários em 500

domicílios de cada área urbana e sua estrutura buscou retratar: a trajetória de mobilidade, as características dos domicílios e do entorno, acesso a serviços, estrutura do arranjo doméstico, características dos membros (escolaridade, idade), composição da renda, consumo e bens, além da história reprodutiva, e relação com parentes fora do domicílio captando informações sobre pais, mães, sogros, sogras, padrastos, madrastas, e filhos fora do domicílios.

O survey se utilizou do conceito de unidade doméstica (UD) ao invés do de domicílio para definir a unidade representada pelo conjunto de membros que eram identificados como tal e que compartilhavam renda, alimentos e também, mas não necessariamente a residência. Famílias que moravam em um mesmo terreno, embora em residências diferentes, mas se auto definiam como membros de uma mesma UD eram consideradas como tal. Assim como pessoas em uma mesma residência que se auto definiam como sendo duas UD's eram consideradas como tal. A escolha pelo termo unidade doméstica se deu puramente em virtude de evitar qualquer associação com o espaço físico da residência, sobreposição que algumas vezes se presume com o uso do conceito de domicílio³.

A respondente preferencial do questionário era a responsável pelo domicílio identificada como “dona” uma vez que era através dela que a história reprodutiva era captada, informações não captada caso só houvesse um responsável do sexo masculino no domicílio (“dono”). Era também através da “dona” que se identifica o parentesco e outras relações com os membros da unidade doméstica e dos parentes fora dela. No caso dos dados usados aqui a definição de pai, mãe, sogro e sogra é em relação à “dona”. Na impossibilidade de haver uma responsável respondente (por não haver uma “dona” ou por ela não se encontrar disponível ou no município) o questionário era então realizado pelo “dono” e tais relações eram atribuídas em relação à ele.

Sendo o grande diferencial a existência de informações sobre parentes que não fazem parte da UD, coletando informação sobre o local de residência, idade, existência de deficiência, escolaridade, estado civil, ajuda, visitas, e renda (para os filhos). Tais informações sobre parentes fora do domicílio e as relações entre eles ainda é escassa nos bancos de dados oficiais como o Censo Demográfico ou as Pesquisas de Amostra Domiciliares (PNAD) e por isso o foco aqui é pensar como tais UD's estão se relacionando com seus parentes de uma geração acima deles e como se vivencia o envelhecimento dessa geração em diferentes domicílios. A escolha por pensar a relação pais e filhos a partir de uma perspectiva ascendente com relação à UD foi motivada pela incipiente atenção que a discussão sobre envelhecimento ainda tem na Amazônia e a importância que ela começa a ter devido às mudanças na estrutura etária da população.

Por isso foi organizado um segundo banco de dados só com dados sobre os parentes (pais, mães, sogros, sogras, padrastos e madrastas) vivos e residentes fora da UD. Poder-se-ia fazer um comparativo entre parente residentes e não residentes na UD contudo o número desses parentes residentes na UD era muito menor, apenas 1.62% (53 parentes) do total, sendo que os demais 3.209 (98.38%) residem fora. Assim, pareceu mais importante entender o que acontece nas relações entre as UD's e esses parentes. Como meio para realizar a análise foram executadas análises de correspondência simples (Correspondence Analysis – CORA) para

³ No caso do Brasil, em particular, embora a conceituação do domicílio utilizada para os censos presuma uma unidade doméstica sobreposta ou não à unidade habitacional a utilização corrente muitas vezes faz uso da unidade habitacional como delimitador do domicílio e do grupo familiar. Essa utilização corrente remete a um uso corrente de usar os termos domicílios e residências como categorias intercambiáveis (Prado 1982).

entender as associações entre a localização das UDS, a localização dos parentes, e as trocas e visitas realizadas por ambos. Segundo Bartholomew et al (Bartholomew et al. 2008) a natureza descritiva do método e seus pressupostos permite que seja feito um exercício de decompor a variação e a distribuição das categorias de uma tabela de contingência (ou matriz) em um número de dimensões que facilite a análise. Sendo seu diferencial o fato de que apesar de não produzir medidas ou resultados, é extremamente útil para visualizar e descrever empiricamente onde estão as associações mais fortes entre variáveis e assim ajudar a fortalecer relações analíticas entre conceitos. Assim, devido à natureza dos dados do banco aqui utilizado e os objetivos buscados com a análise a escolha por tal método pareceu apropriado.

Lembrando sempre que os resultados obtidos aqui apontam as correlações entre elementos mas não podem inferir causas e consequências, contribuindo então com a identificação de conceitos subjetivos, como o de estratégias familiares. Seguimos aqui os passos descritos por Bartholomew et al. (Bartholomew et al. 2008) e realizamos o cálculo a partir do software estatístico R, e do comando *ca* desenvolvido por Greenacre e Nenadic (Greenacre & Nenadic 2013). A representação dos resultados é feita através de diagramas bidimensionais onde são plotados valores de coordenadas x e y obtidas pela CORA. Essa forma de apresentação do dado permite uma melhor visualização do agrupamento entre as categorias. Os grupos podem ser visualizados através da proximidade entre quesitos e sua concentração em diferentes quadrantes. Quesitos cujos grupos se encontram em um mesmo quadrante, e mais distantes do centroide indicam maiores associações. Grupos que ficam mais próximos ao centroide e categorias que se distanciam das demais ou se sobrepõem aos eixos tem menor associação.

As análises corresponderam ao entendimento das trocas e das relações entre pais e filhos em três áreas urbanas da porção centro-sul da Amazônia legal brasileira. Tais áreas urbanas longe de se caracterizarem como áreas metropolitanas são casos interessantes uma vez que representam cidades de tamanhos, idades, importância regional e dinâmicas diferenciadas. Importante dizer que elas tem dinâmicas bastante diferenciadas sendo Lucas do Rio Verde um dos polos de expansão da indústria de alimentos no país que recebeu no início dos anos 2000 uma planta produtiva que tem demandado grande mão-de-obra. Altamira tem estado na mídia em virtude de ser a localidade sede do projeto de construção de hidrelétrica de Belo Monte, autorizada em 2011 e que deve entrar em operação até 2015. Ambos os municípios tem vivenciado um influxo populacional e uma transformação na sua dinâmica de emprego, renda, e moradia (Carmo et al. 2012). Santarém ao contrário tem uma importância regional devido à sua localização estratégica na confluência dos rios Tapajós e Amazonas. A cidade de Santarém se espalha ao redor do porto que é ponto intermediário entre as capitais estaduais de Manaus (no estado de Amazonas e onde se situa uma área de produção industrial com incentivos fiscais) e Belém (no estado do Pará, situada na foz do Rio Amazonas e na saída para o mar) (Sá et al. 2006).

Para melhor qualificar as três cidades se apresenta na tabela 1 um comparativo entre as três áreas. Como os dados analisados foram colhidos no intervalo de fevereiro de 2009 a fevereiro de 2010 se apresentam dados referentes ao nível municipal nos dois últimos censos (2000 e 2010) como caracterização da área de estudo. Atente-se para o fato que nas três áreas embora aparentando uma transição começada recentemente já se visualizam mudanças na estrutura etária dados pela diminuição da proporção de pessoas em idades jovens (0 a 4 anos) e aumento da proporção de pessoas acima de 65 anos. Adicionalmente é relevante observar que a população de 15 a 64 anos tem a maior proporção na distribuição etária nesse momento o

que poderia caracterizá-las como vivenciando um momento de bônus demográfico (Carvalho & Garcia 2003; Carvalho & Wong 2008).

Como é possível notar há uma distância grande entre as datas de fundação dos municípios, embora as três tenham sido fundadas como parte do processo de expansão da fronteira agrícola e ocupação do território amazônico⁴. Entretanto Santarém e Altamira foram criadas como aldeamento indígenas anteriores ao século XX, e sua localização se deve ao lugar estratégico em que se encontram, sendo também importantes pontos de escoamentos da produção local. Ambas se situam na margem de rios que até hoje são importantes pontos de escoamento de mercadorias e deslocamento de pessoas. A população de Santarém ainda mantém uma forte ligação com o rio seja pelo seu lugar nas cosmologias, ou nas práticas cotidianas das comunidades indígenas e ribeirinhas, seja como meio de transporte e escoamento de mercadorias da produção agrícola local. Os dados da tabela 1 mostram que esta é a área urbana com maior volume de população embora tenha tido o menor crescimento populacional no comparativo com as outras áreas e tenha o menor grau de urbanização (0.73), mesmo que esse grau de urbanização seja alto por si só.

Importante notar que esta é uma população ainda bastante jovem mas que já está começando sua transição demográfica. Tal tendência fica visível ao se observar as razões de dependência que diminuem se comparados 2000 e 2010, apontando para uma possível queda na fecundidade e conseqüente aumento da proporção da população adulta na composição etária. Tal tendência parece se confirmar ao observar o crescimento da proporção da população com 65 anos e mais em relação à população jovem (0 a 14 anos). Por fim, nota-se que essa tendência de aumento da população adulta é acompanhado por um crescimento no PIB, que embora não seja um indicador que dê pistas sobre a distribuição da riqueza, pode levantar a hipótese de que isso tenha se refletido, ao menos em parte, em aumento da renda da população e talvez até tenha se beneficiado da estrutura etária no decênio.

Da mesma forma em Altamira a tendência de um envelhecimento relativo da população também se apresenta, com um crescimento similar do grau de urbanização, e do percentual de crescimento do quociente idosos-jovens (QIJ), embora o nível de Altamira seja maior para o primeiro e menor para o segundo do que o de Santarém. Todavia, a taxa de crescimento populacional do município é maior e a queda nos níveis da razão de dependência menores. Estes dois fatores apontam para uma transição demográfica mais pronunciada em Altamira já em 2000, mas que pelos níveis e evolução dos dados na última década sugerem uma queda na fecundidade acompanhada de uma imigração de caráter familiar. A ideia de uma imigração de caráter familiar é suportada também pelo maior equilíbrio na razão de sexos em 2010 e também manteria equilibrada as proporções etárias do município ao acrescentar um contingente de pessoas em todos os grupos etários, fazendo assim com que o próprio metabolismo populacional resultasse numa queda da razão de dependência e aumento no QIJ.

Finalmente, em Lucas do Rio Verde, o município mais jovem dos três, só é oficialmente fundado em 1982 quando já havia ali uma comunidade formada a partir de um projeto de colonização que trazia colonos do sul do país para “ajudar” na “abertura e ocupação” da Amazônia. Contudo, sua juventude em termos de tempo de ocupação da área não se reflete na dinâmica que é bastante interessante. Comparativamente é o município onde o incremento e o nível do grau de urbanização é maior e também a taxa de crescimento do decênio excede

⁴ O histórico dos municípios estão disponíveis on-line no Canal Cidades@ do IBGE (www.cidades.ibge.gov.br)

muito as demais. Acrescente-se à tais dados a maior proporção de homens, expressos na razão de dependência, e ao nível do QIJ e da razão de dependência que parece se formar um quadro em que a imigração de homens adultos jovens se mostra como um aspecto importante da dinâmica local. Diferente das possíveis características da imigração em Altamira, em Lucas do Rio Verde a população parece estar concentrada totalmente nas áreas urbanas, tendo esta uma grande capacidade de atração de pessoas do sexo masculino.

A perspectiva não é de imigração de caráter familiar já que o nível do QIJ continua baixo, embora seja concentrada em jovens adultos o que é visualizado através da razão de dependência. De forma que a transição demográfica em Lucas é mais difícil de ser pensada uma vez que nesse momento há um desequilíbrio nas distribuições etárias com uma aparente grande concentração em jovens adultos, particularmente do sexo masculino, para as áreas urbanas. As poucas evidências apontam para uma fecundidade baixa, expresso no aumento do QIJ, e a experiência de um bônus demográfico não totalmente resultante da inércia demográfica mas de um padrão migratório local. As consequências futuras dessa dinâmica atual podem ser diversas e trazer diferentes resultados que variam desde a promoção de um equilíbrio nas distribuições etárias no futuro até um desequilíbrio em favor da população mais idosa. É preciso acompanhar os desdobramentos dessa dinâmica para melhor qualificar suas demandas futuras.

Por fim, embora os dados mostrem que a transição demográfica ainda é recente nas três áreas urbanas ela tem se desdobrado e tem sido vivenciada de formas diferentes em cada uma delas. E já começa a se notar os sinais de um envelhecimento relativo da população que nos levou a pensar em como essa população tem refletido essas mudanças em sua distribuição espacial. Pensar as relações familiares nesse momento inicial da transição pode ajudar a entender como a população está distribuída, de que forma esta distribuição se reflete nas redes de suporte e cuidado, e nas características dos arranjos domiciliares. Para além pode identificar dinâmicas atuais na relação entre pais e filhos que podem identificar demandas futuras de uma população que começa a envelhecer. O que nos perguntamos agora é como esses filhos adultos que estão em suas unidades domésticas se relacionam com seus pais e como se espera vão vivenciar o envelhecimento dos mesmos? Como a componente migratória nas áreas urbanas retratadas estaria se refletindo na relação entre as unidades domésticas de pais e filhos?

Tabela 1 - Características demográficas e geográficas das áreas de estudo

	Santarém		Altamira		Lucas do Rio Verde	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Data da fundação	1661		1841/1880		1982	
Grande região	Norte		Norte		Centro-Oeste	
Mesorregião	Sudeste paraense		Sudoeste paraense		Norte mato-grossense	
Principal Rodovia	BR163 Rodovia Cuiabá-Santarém		BR230 – Rodovia Transamazônica		BR163 Rodovia Cuiabá-Santarém	
Rios com importância hidroviária	Rio Tapajós e Amazonas		Rio Xingu		-	

Taxa de crescimento 2000-2010 (% ao ano)	1.16		2.49		8.96	
Área (km ²)	22,886.624		159,533.730		3,663.994	
População total (hab)	262,538	294,580	77,439	99,075	19,316	45,566
Densidade populacional (hab/km ²)	11.47	12.87	0.49	0.62	5.27	12.44
Grau de urbanização (%)	0.70	0.73	0.80	0.85	0.83	0.93
Razão de sexo	98.69	102.01	103.47	101.14	111.33	111.49
Razão de Dependência Total	0.723	0.586	0.643	0.538	0.516	0.379
Quociente Idosos-Jovens	0.118	0.171	0.096	0.144	0.055	0.087
Produto Interno Bruto - PIB (R\$1000,00)	484,373	2,054,408	208,946	725,325	300,316	1,651,885

Fonte: Tabulação própria a partir dos dados do Censo Demográfico 2000 e 2010 disponíveis no SIDRA-IBGE (www.sidra.ibge.gov.br) e no canal Cidades@ (www.cidades.ibge.gov.br).

Das trocas e do cuidado na perspectiva do urbano amazônico: a relação entre pais e filhos.

Embora muitas vezes se atribua o processo de envelhecimento da população à redução da mortalidade, e portanto ao debate sobre a maior sobrevivência de idosos e o consequente debate sobre dependência e demandas específicas, estudos demográficos apontam para uma necessidade de complexificar esse fenômeno. A complexidade entre outros aspectos está na forma como esse processo se desenvolve em paralelo à intensa urbanização e disparidades regionais (características, intensidade e temporalidade). Ademais, como todo processo, a transição demográfica tem características diferenciadas segundo os seus estádios (Carvalho & Garcia 2003; Cosío 1995; Camarano et al. 2004). Por isso a forma pela qual diferentes grupos atravessam essa transição repercute na dinâmica dessa população no momento atual e em sua projeção para o futuro, suas vantagens e desvantagens.

Uma forma de acessar e compreender tal dinâmica é das através das relações familiares, e mais especificamente da trocas intergeracionais. Na literatura as trocas intergeracionais aparecem como elementos importantes para se entender arranjos domiciliares, escolha de moradia e até estratégias migratórias e de forma geral se identificam com mais facilidade as transferências ou trocas em termos monetários (Guedes et al. 2009). Tais abordagens procuram identificar como essas trocas se relacionam com os diversos capitais acessados pelos indivíduos dentro de suas estratégias de sobrevivência e mitigação de vulnerabilidades (econômicas ou sociais) (Bebbington 1999; Rakodi 1995). Entretanto, uma literatura recente está tentando dar sentido a trocas que embora possam ser situadas dentro da abordagem das estratégias de sobrevivência é antes de tudo uma tentativa de entender aspectos sutis que não podem ser mensuradas em termos monetários mas que são aspectos fundamentais da vida cotidiana e que influenciam o entendimento das estratégias discutidas pela teoria clássica (Padoch et al. 2008; Garay et al. 2009). O cuidado, por exemplo, como mostra Hedman (2013), quando possível de ser acessado parece ter um valor maior do que o das trocas monetárias pois envolve uma complexidade maior das redes e parece reduzir vulnerabilidades

não possíveis de serem reduzidas apenas financeiramente uma vez que envolvem questões emocionais e psicológicas.

Aqui apontam-se caminhos para pensar as trocas intergeracionais e o cuidado como parte de estratégias de sobrevivência que estão suprindo demandas que podem ser motivadas tanto por constrangimentos/práticas culturais e sociais, quanto por demandas não atendidas por serviços ou políticas públicas, e que são direcionadas para a família. Para tentar acessá-las foram escolhidos alguns dos quesitos que pudessem indicar de que forma mobilidade, parentesco, e idade estariam se relacionando para que se desenhasse um cenário sobre similaridades e diferenças entre as trocas. As 6 possíveis categorias de resposta (pai, mãe, sogro, sogra, padrasto, madrasta) poderiam estar presentes de diferentes formas à depender do estado civil da(o) responsável e do parente, da história de vida (separação, re-casamento, criação apenas por um dos pais), e da sobrevivência das gerações imediatamente anteriores aos entrevistados.

Para além disso a distribuição etária desses parentes vivendo fora das UD's entrevistadas mostram que são relativamente jovens, com a concentração em grupos etários de 50 a 69 anos. Há que se destacar também uma variação em termos de gênero uma vez que parentes do sexo feminino parecem ser alguns anos mais jovens que seus parceiros ou outros parentes do sexo masculino. Destaque também para os padrasto e madrastas com idades mais jovens que pais, mães, sogros e sogras. Na Tabela 2 apresentamos essa distribuição. Observe-se como apesar de existirem contextos e dinâmicas diferentes em cada uma das áreas urbanas os grupos etários dos parentes residindo fora não diferem tanto. Essa distribuição similar encontra contrapontos com as relações entre pais e filhos analisadas através das CORA.

Outro aspecto que tem sido argumentado é que o envelhecimento parece apontar hoje para um cenário menos cinzento. A dependência, fator que preocupava grande parte dos estudiosos, ainda demonstra ser relevante, entretanto combinado com os avanços dos tratamentos médicos, e a subsequente melhoria na qualidade de vida e a expansão da cobertura da previdência revelam um cenário em que se pode envelhecer mantendo-se certa independência. Conjugado a isso o papel que tal relativa independência (financeira, física, e emocional) da população em idades mais avançadas tem na dinâmica das famílias ganha novos contornos e isso ainda precisa ser melhor entendido nas suas especificidades locais (Camarano 2002; Carvalho & Garcia 2003; Garay et al. 2009).

Dados da área de estudo corroboram a argumentação sobre como a população brasileira está vivenciado o processo de envelhecimento. Ao ser perguntado se alguns dos parentes (pais, mães, sogros, sogras, padrasto, madrasta) que vivem em outro domicílio tem alguma deficiência, morbidade que demande cuidados intensos, ou dificuldades motoras e cognitivas, foram reportados apenas 356 (11%) parentes com alguma deficiência dentre os 3209 vivos e residentes em outro domicílio. Dentre os 53 parentes que residiam na UD, 21% reportaram ter alguma deficiência. Para ambos os grupos a dependência também ocorre em idades cada vez mais avançadas, tendo 20% deles entre 60 e 69 anos e 47% acima de 70 anos. Para entender melhor os impactos da dependência na relação entre pais e filhos a Tabela 3 relaciona as informações sobre ajudas, visitas, e local de residência de parentes residindo em outra UD que tem ou não deficiência.

Tabela 2 – Distribuição dos parentes residentes fora da UD por grupos etários.

Área urbana e Relação de parentesco	Grupo etário (em anos)														Total					
	20-29		30-39		40-49		50-59		60-69		70-79		80-89				90+		Sem Informação*	
Lucas do Rio Verde	1	0.03%	26	0.8%	147	4.6%	274	8.5%	283	8.8%	170	5.3%	75	2.3%	6	0.19%	179	5.6%	1161	36.2%
Pai	0	-	2	0.1%	30	0.9%	74	2.3%	97	3.0%	40	1.2%	18	0.6%	5	0.16%	24	0.7%	290	9.0%
Mãe	0	-	12	0.4%	65	2.0%	92	2.9%	91	2.8%	51	1.6%	23	0.7%	1	0.03%	15	0.5%	350	10.9%
Sogro	0	-	4	0.1%	12	0.4%	46	1.4%	35	1.1%	40	1.2%	23	0.7%	0	-	59	1.8%	219	6.8%
Sogra	0	-	6	0.2%	33	1.0%	58	1.8%	57	1.8%	39	1.2%	11	0.3%	0	-	71	2.2%	275	8.6%
Padrasto	1	0.03%	2	0.1%	4	0.1%	1	0.0%	1	0.0%	0	-	0	-	0	-	5	0.2%	14	0.4%
Madrasta	0	-	0	-	3	0.1%	3	0.1%	2	0.1%	0	-	0	-	0	-	5	0.2%	13	0.4%
Santarém	0	0%	20	0.6%	118	3.7%	240	7.5%	251	7.8%	207	6.4%	92	2.9%	11	0.34%	56	1.7%	995	31.0%
Pai	0	-	2	0.1%	21	0.7%	50	1.6%	71	2.2%	48	1.5%	30	0.9%	3	0.09%	8	0.2%	233	7.3%
Mãe	0	-	8	0.2%	48	1.5%	85	2.6%	67	2.1%	50	1.6%	22	0.7%	2	0.06%	3	0.1%	285	8.9%
Sogro	0	-	0	-	14	0.4%	43	1.3%	48	1.5%	52	1.6%	20	0.6%	3	0.09%	21	0.7%	201	6.3%
Sogra	0	-	2	0.1%	29	0.9%	59	1.8%	62	1.9%	53	1.7%	20	0.6%	3	0.09%	15	0.5%	243	7.6%
Padrasto	0	-	5	0.2%	3	0.1%	3	0.1%	3	0.1%	2	0.1%	0	-	0	-	1	0.03%	17	0.5%
Madrasta	0	-	3	0.1%	3	0.1%	0	-	0	-	2	0.1%	0	-	0	-	8	0.2%	16	0.5%
Altamira	1	0.03%	24	0.7%	106	3.3%	240	7.5%	223	6.9%	167	5.2%	76	2.4%	10	0.31%	206	6.4%	1053	32.8%
Pai	0	-	2	0.1%	25	0.8%	67	2.1%	67	2.1%	45	1.4%	17	0.5%	2	0.06%	38	1.2%	263	8.2%
Mãe	0	-	15	0.5%	54	1.7%	95	3.0%	67	2.1%	50	1.6%	18	0.6%	2	0.06%	24	0.7%	325	10.1%
Sogro	0	-	2	0.1%	6	0.2%	29	0.9%	40	1.2%	38	1.2%	14	0.4%	5	0.16%	58	1.8%	192	6.0%
Sogra	0	-	1	0.03%	16	0.5%	44	1.4%	47	1.5%	31	1.0%	25	0.8%	1	0.03%	64	2.0%	229	7.1%
Padrasto	1	0.03%	4	0.1%	3	0.1%	2	0.1%	1	0.03%	2	0.1%	1	0.03%	0	-	9	0.3%	23	0.7%
Madrasta	0	-	0	-	2	0.1%	3	0.1%	1	0.03%	1	0.03%	1	0.03%	0	-	13	0.4%	21	0.7%
Total	2	0.06%	70	2.2%	371	11.6%	754	23.5%	757	23.6%	544	16.9%	243	7.6%	27	0.84%	441	13.7%	3210	100.0%

* Não foi possível computar ou imputar a idade pois embora alguns indivíduos contassem com a informação sobre o mês de nascimento do parente não a tinham para o ano.

Fonte: Dados tabulados e trabalhados pela autora a partir do banco de dados dos surveys urbanos do projeto Amazonian Deforestation and the Structure of the Households – phase III.

Vemos que a maior parte dos parentes reside em áreas urbanas, principalmente no mesmo município mas também em outro estado e outras cidades no mesmo estado. Contudo, o fato de residir no mesmo município não favorece o contato constante sendo as visitas diárias apenas 18% no caso de parentes com alguma deficiência e 15% para os demais. O diferencial parece estar nas ajudas/cuidado já que parentes que apresentam alguma deficiência recebem mais ajuda que os demais e em alguns casos a deficiência não os impede ajudar a UD de referência ou realizar trocas com ela. Todavia, ambos os grupos demonstram ter pouca interação com a UD de referência. O que nos leva a pensar que a existência de alguma deficiência do parente ou demanda por cuidado, não influencia diretamente na proximidade das UD, mas ao contrário que tal proximidade seja motivada por outros aspectos da estratégias de sobrevivência.

Tabela 3 - Parentes vivendo fora da UD de referência com e sem deficiência segundo local de residência, número de visitas e trocas entre as UDs.

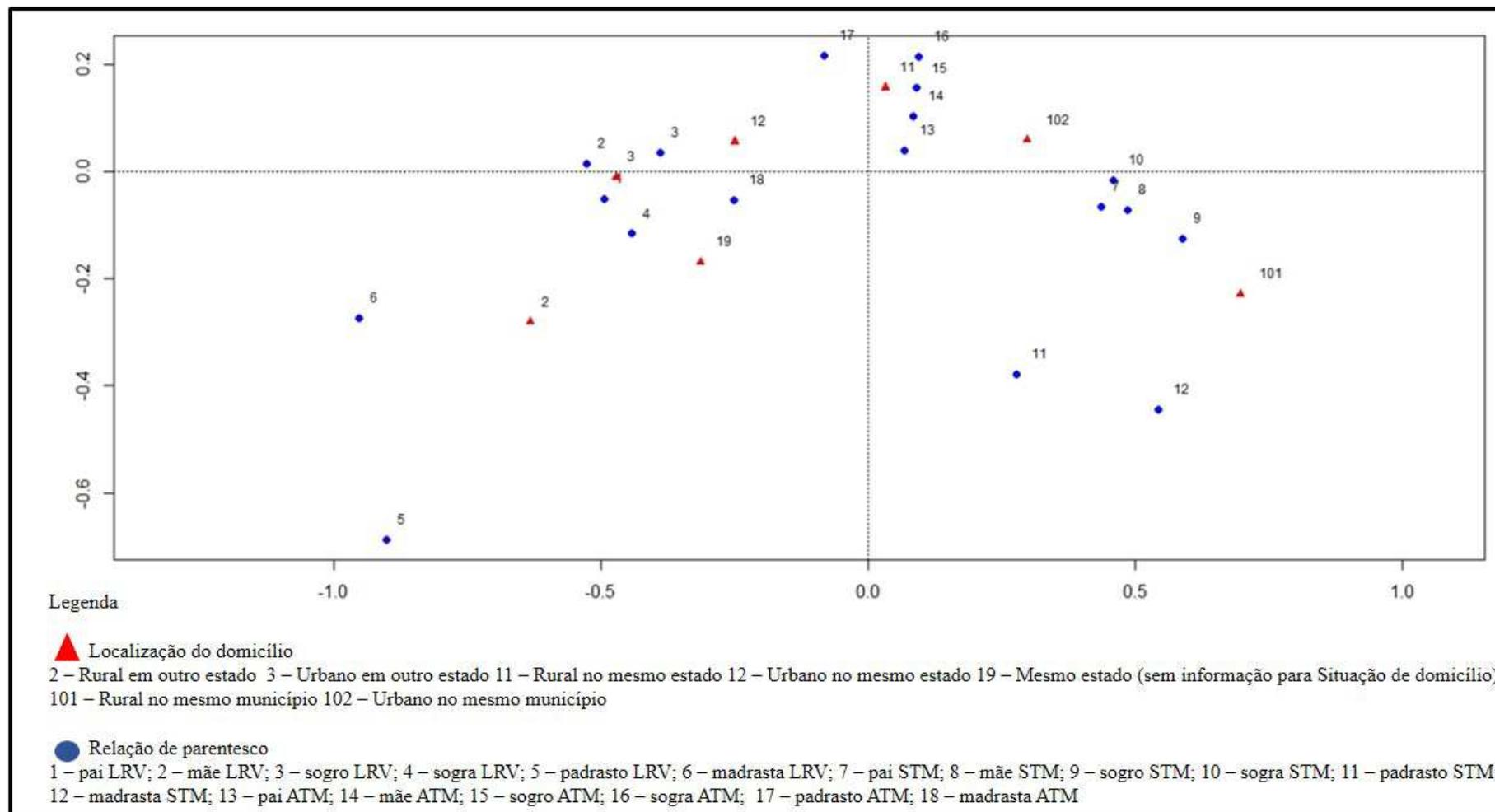
		Tem alguma deficiência?			
		Sim		Não	
Onde reside					
2	Rural - Outro estado	15	4%	151	5%
3	Urbano - Outro estado	97	27%	597	21%
11	Rural - Mesmo estado	11	3%	240	9%
12	Urbano - Mesmo estado	53	15%	448	16%
19	Sem informação - Mesmo estado	0	0%	43	2%
101	Rural - Mesmo município	35	10%	283	10%
102	Urbano - Mesmo município	145	41%	1032	37%
Total		356	100%	2794	100%
Visita					
0	Não visitou	76	21%	752	27%
1	Diariamente	64	18%	428	15%
2	Ao menos uma vez na semana	4	1%	32	1%
3	Ao menos uma vez ao mês	54	15%	441	16%
4	Ao menos uma vez ao ano	142	40%	1037	37%
9	Sem informação	16	4%	104	4%
Total		356	100%	2794	100%
Troca					
1	Não há trocas	182	51%	1891	68%
2	Só recebe ajuda	121	34%	445	16%
3	Só ajuda	33	9%	230	8%
4	Troca	20	6%	217	8%
9	Sem informação	0	0%	11	0.4%
Total		356	100%	2794	100%

Fonte: Dados tabulados e trabalhados pela autora a partir do banco de dados dos surveys urbanos do projeto *Amazonian Deforestation and the Structure of the Households – phase III*.

Em busca dessas estratégias elaboramos as análises de correspondência. Em todas elas fica evidente que padrastos e madrasta parecem ter uma relação muito marginal com as UDs de referência. Tal dado aponta para o fato de que esta seja uma relação de parentesco sem

grandes implicações nas estratégias e por isso tais relações não tem grande importância nesta análise.

Figura 1 - Diagrama de pontos simétricos da análise de correspondência das relações de parentesco por área urbana da UD de referência e localidade de residência do parente residindo fora.



Fonte: Representação Gráfica da saída de dados da Análise de Correspondência obtida através do pacote estatístico R com dados tabulados e trabalhados pela autora a partir do banco de dados dos surveys urbanos do projeto *Amazonian Deforestation and the Structure of the Households – phase III*.

Contudo é um dado interessante que só marginalmente padrasto e madrastas passem a integrar uma relação entre a UD de referência e a UD de seus pais demonstrando que em casos de recasamento os novos parceiros passam a acessar ou participar pouco das redes familiares já estabelecidas. Para facilitar a organização dos dados utilizamos legendas para as três áreas: LRV - Lucas do Rio Verde; STM – Santarém; ATM – Altamira.

A primeira análise se concentrou em pensar se a distância entre os locais de moradia dos parentes teria qualquer relação com o parentesco que tem com a UD de referência. Olhando para a Figura 1 se observam distintos padrões de distribuição do local de moradia segundo as áreas urbanas e que tais padrões reverberam achados de outros estudos sobre a relação entre áreas urbanas e rurais, como o emprego fora do lote e a multi-localidade (Barbieri & Pan 2013; VanWey & Vithayathil 2013). Altamira parece ter os parentes concentrados em áreas rurais no mesmo estado, mas não no mesmo município, apresentando o mais alto grau de associação entre as variáveis para todos os parentes, sendo marginalmente associado a parentes residindo na mesma área urbana. Complementarmente para Santarém as mais fortes associações são de parentes residindo no mesmo município, tanto em áreas urbanas como rurais. Entretanto, sogros parecem ter uma associação maior com as áreas rurais do município e os demais com as áreas urbanas. As associações encontradas apontam para estratégias ancoradas em mobilidade intra-municipal (Santarém) ou interestadual (Altamira) tanto no sentido rural-urbano quanto urbano-urbano argumentando por uma estratégia de diversificação de atividades (trabalho rural e trabalho urbano) e acessos a capitais (alimentos do lote, serviços na cidade) a partir de redes familiares.

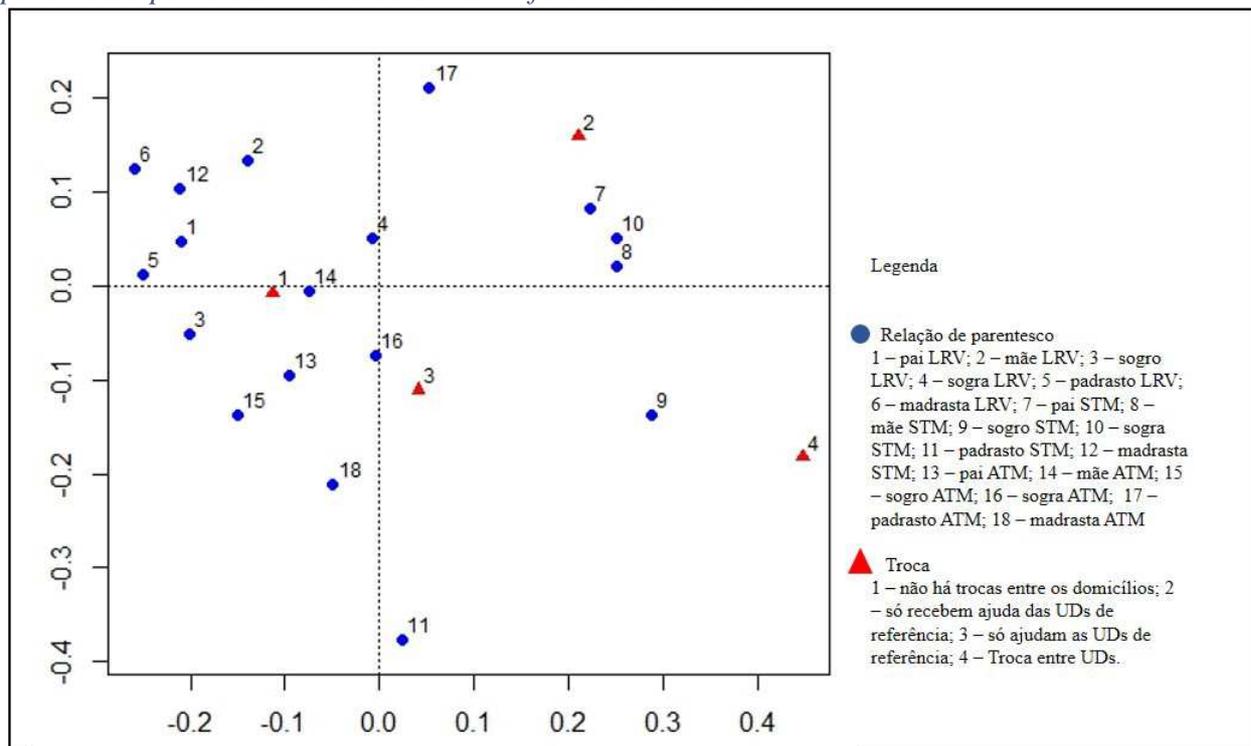
Com relação à Lucas do Rio Verde vemos associações completamente diferentes. As associações mais fortes são de parentes que residem em áreas urbanas em outros estados com algumas sogras residindo no mesmo estado e alguns sogros residindo em áreas urbanas no mesmo estado. Interessante pensar que as características das estratégias em Lucas do Rio Verde parecem fixadas em migrações de áreas urbanas para áreas urbanas, sabendo-se que nessa área há o maior disponibilidade de empregos urbanos do nas outras duas. Por fim, o aspecto interessante sobre todas as três áreas é que são negativamente associadas à parentes que residam em áreas rurais em outros estados, reforçando a hipótese de que as principais trajetórias migratórias de curta ou longa distância sejam entre áreas urbanas, tendo as migrações rural-urbano um caráter mais regional e de curta distância.

E como a localização de pais e filhos apresentando padrões tão diferentes influenciaria nas trocas? Foram feitas três novas análises. Na primeira, representada pela Figura 2 o parentesco segundo o local da UD de referência é cruzada com uma variável em que é possível identificar pais que só recebem ajuda, pais que só ajudam seus filhos, pais e filhos que trocam ajuda e pais e filhos que não se ajudam. Os resultados apontam que a maioria dos pais e filhos não se ajudam e as trocas, assim como a ajuda, não parecem estar associadas a nenhuma relação de parentesco. Contudo é de se destacar que o parentes que são associados à maior proximidade da UD de referência na Figura 1 também aparecem como aqueles que mais estariam associados à trocas (sogros em STM) ou a receberem ajuda (pais, mães, e sogras em STM). Todavia, a perspectiva de gênero sobre as trocas parece fornecer uma diferenciação também por parentesco ao menos em Santarém onde os sogros figuram como tendo uma associação maior com as trocas e os demais parentes mais associados ao recebimento de ajuda. Em Lucas do Rio Verde a maior distância dos parentes e menor associação com receber, oferecer ou trocar ajudas levam a pensar em domicílios mais independentes que buscam outras estratégias. Ademais, é curioso que dos parentes de Altamira as sogras ajudam as UDs de referência enquanto os demais não tem relação de ajuda ou troca. Por isso nessa

cidade fica mais evidente uma tendência de não haver nenhuma relação de ajuda ou de troca que esteja ligada ao parentesco ou à localidade de moradia de pais e filhos.

Contudo, as trocas, e as ajudas (oferecer e receber) podem ser melhor qualificadas e talvez iluminar ainda mais tais relações. De forma que as UD de referência parece mais propensas a ajudar os parentes de Santarém com serviços, cuidados, alimentos e outras ajudas não monetárias sendo as mães e sogras as preferencialmente ajudadas. Em Altamira não parece haver muita ajuda para nenhum dos parentes, enquanto para Lucas do Rio Verde há uma maior possibilidade dos parentes receberem ajuda se foram do sexo feminino. Assim ajudar os parentes parece ter uma parcialidade em favor dos parentes do sexo feminino e através de transferências monetárias. No entanto ao pensar qual do parentes ajuda a UD de referência vemos um quadro diferente, já que a maior parte ou não oferece qualquer ajuda ou quando o faz o faz através de transferência monetárias. No entanto parece que Santarém tem uma particularidade com o sogro e sogra oferecendo serviços e ajudas não monetárias. Caracteriza-se portanto uma importância da relação entre sogro/sogra e as UD de referência em Santarém, que parece ser o único caso de maior associação entre parentesco e ajuda.

Figura 2 - Diagrama de pontos simétricos da análise de correspondência das relações de parentesco por área urbana da UD de referência e a troca.

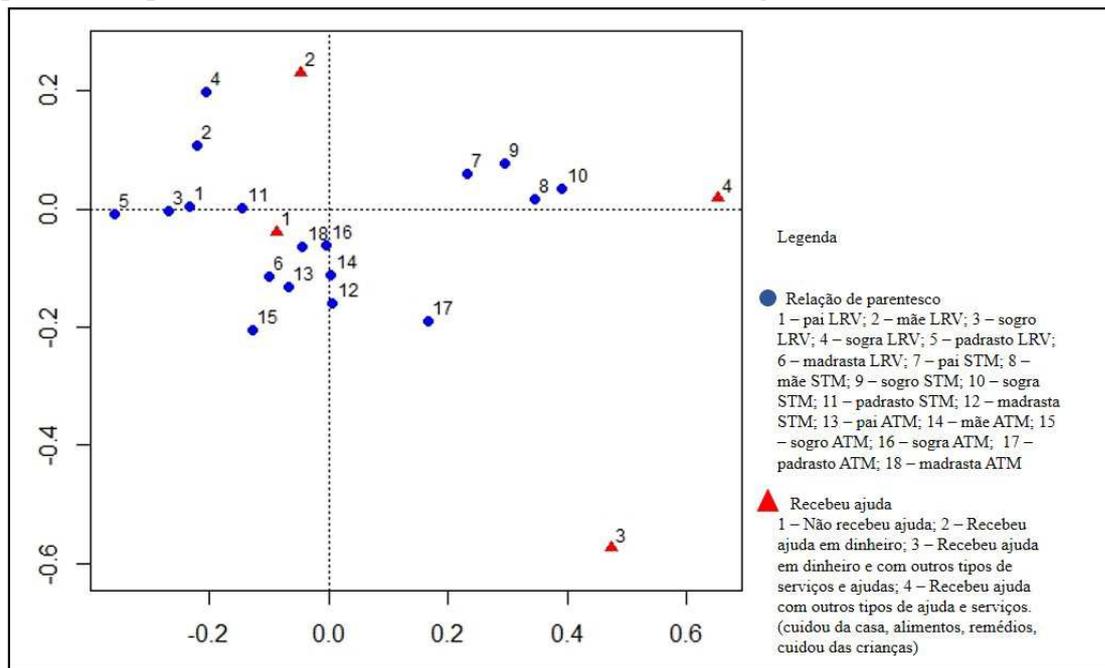


Fonte: Representação Gráfica da saída de dados da Análise de Correspondência obtida através do pacote estatístico R com dados tabulados e trabalhados pela autora a partir do banco de dados dos surveys urbanos do projeto *Amazonian Deforestation and the Structure of the Households - phase III*.

No entanto se a ajuda, e seu recebimento, oferecimento, e troca, podem explicitar necessidades das UD supridas pelas UD de filhos ou pais e que não poderiam ser satisfeitas de outra forma, visitas explicitam aspectos mais subjetivos de afeto, e cuidado. Assim, ao se criar uma variável que conjugue visitas e ajudas e a cruze com o parentesco temos resultados interessantes. Para Santarém se confirmam estratégias que se baseiam na manutenção de redes familiares das ajudas e trocas fazem parte e que embora ativas para todos os parentes parecem se caracterizar mais como trocas com relação à sogros e sogras, já para as mães embora

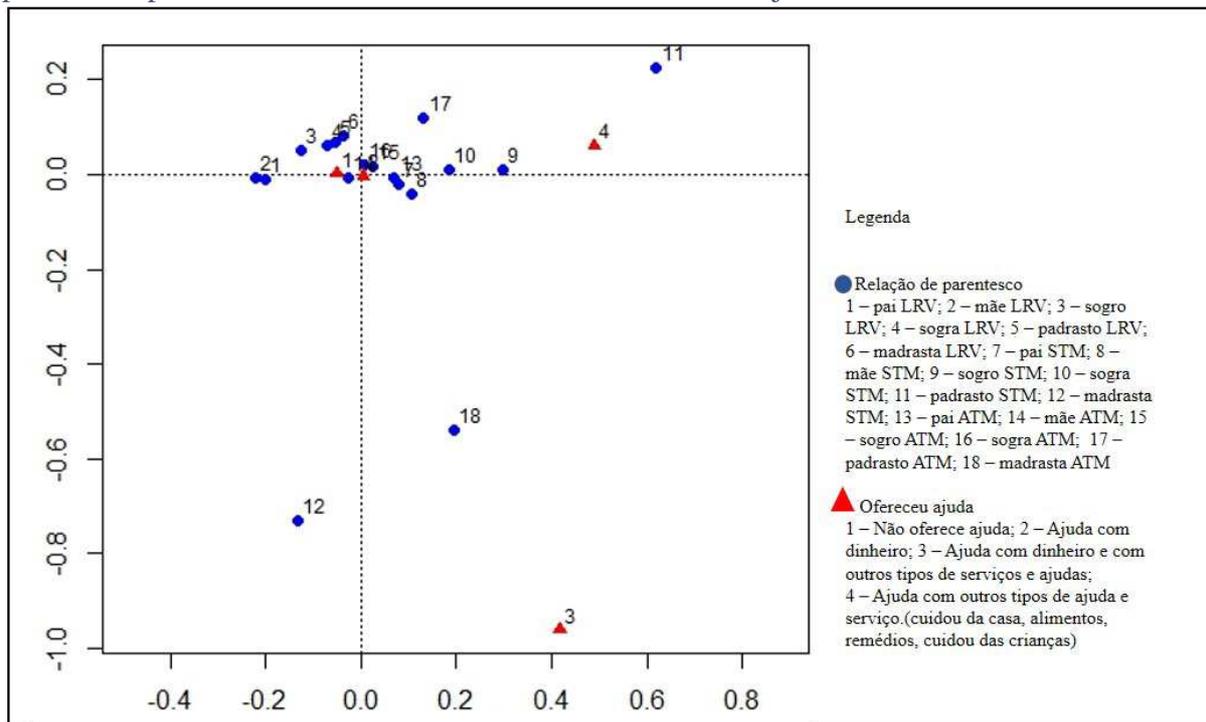
parece haver um componente afetivo com as trocas de visitas é mais provável que elas sejam ajudadas mas não ajudem, e por fim os pais parecem ser o objeto do cuidado dos filhos que não recebem nenhuma contrapartida. Já em Altamira as relações entre pais e filhos parecem estar muito mais conectadas através do afeto e do cuidado uma vez que as ajudas são escassas mas ambos se visitam. Ao contrário as relações com a sogra implicam em uma ajuda por parte dela, mas nenhuma das partes se visita. Por fim, os sogros parecem não ter nenhuma padrão de ajuda ou visitas sendo a probabilidade de ambas ocorrerem devido à características do relacionamento entre ele e a UD de referência. Em Lucas do Rio Verde se consolida um padrão em que todos os parentes recebem visitas, mas é a sogra que tem maior probabilidade de receber ajuda.

Figura 3 - Diagrama de pontos simétricos da análise de correspondência das relações de parentesco por área urbana da UD de referência e receber ajuda.



Fonte: Representação Gráfica da saída de dados da Análise de Correspondência obtida através do pacote estatístico R com dados tabulados e trabalhados pela autora a partir do banco de dados dos surveys urbanos do projeto *Amazonian Deforestation and the Structure of the Households – phase III*.

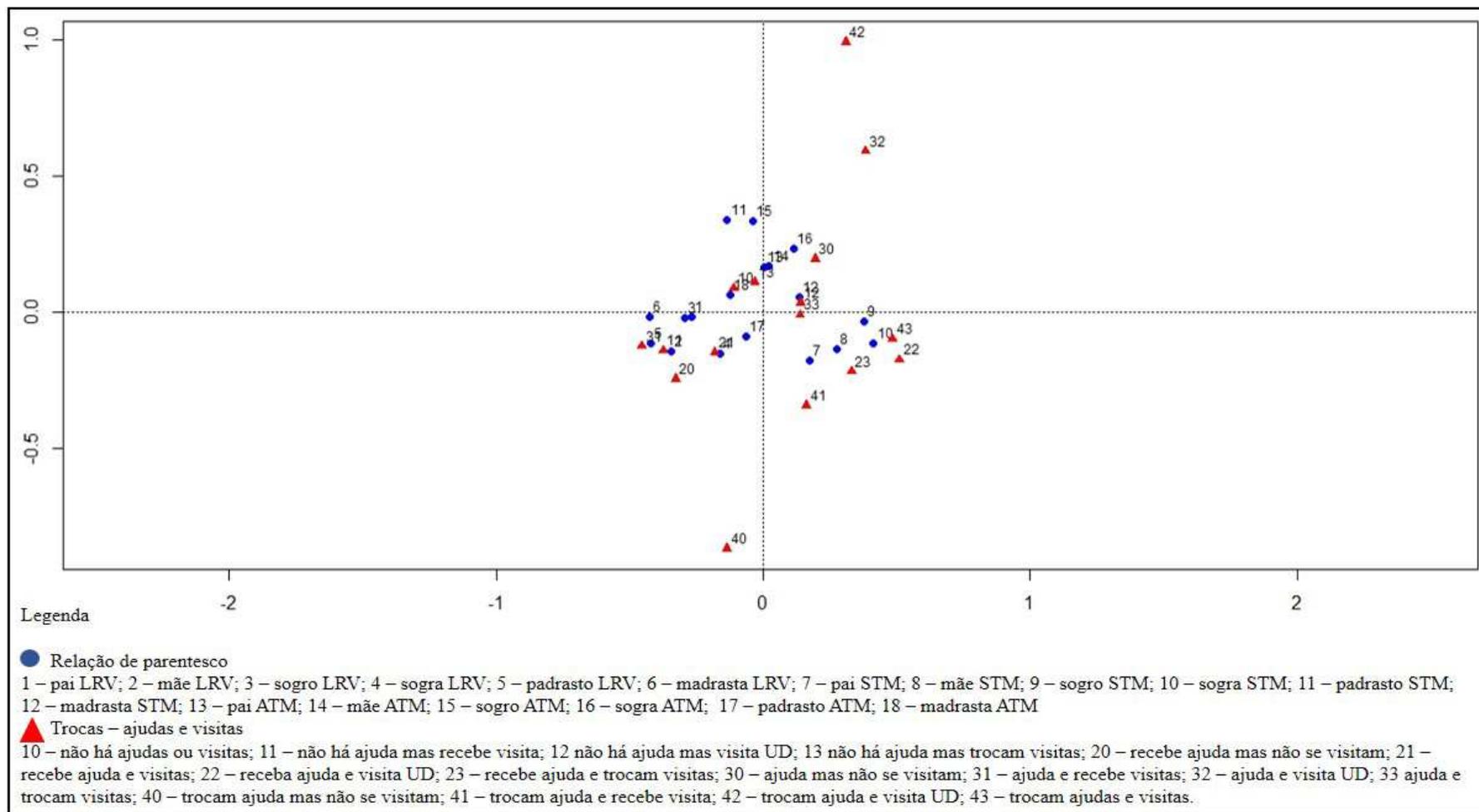
Figura 4 - Diagrama de pontos simétricos da análise de correspondência das relações de parentesco por área urbana da UD de referência e oferecer ajuda.



Fonte: Representação Gráfica da saída de dados da Análise de Correspondência obtida através do pacote estatístico R com dados tabulados e trabalhados pela autora a partir do banco de dados dos surveys urbanos do projeto *Amazonian Deforestation and the Structure of the Households – phase III*.

Por fim, a existência das trocas sem visitas ou destas e apenas a visita por parte dos pais parece ser um evento raro, o que pode assinalar para o fato de que trocar inevitavelmente requer uma contrapartida com outros aspectos das relações familiares, como as visitas. Da mesma forma é improvável que pais ajudem e visitem seus filhos sem existir uma contrapartida destes. Ao mesmo o parentesco e as diferentes relações de gênero parecem não representar padrões e por isso variam entre áreas urbanas e nas formas de ajuda e características das visitas. Contudo, as sogras nas três áreas parecem ter um papel importante sendo tanto uma fonte de suporte para a UD (Santarém e Altamira) como parente a receber ajudas (LRV), sendo esta ajuda muitas vezes em formas de transferências monetárias devido à distância e impossibilidade de oferecer outros tipos de serviços e ajudas. Isso demonstra que as relações entre pais e filhos parecem estar assentadas em contrapartidas constantes e de diferentes graus ou a inexistência total delas. Do mesmo modo se assinala que as relações entre pais e filhos nas áreas urbanas da Amazônia parecem ser baseadas nos mesmos parâmetros das demais regiões urbanas brasileiras. Sendo fundamental para o entendimento das relações entre pais e filhos identificar quando estas se estruturam através de estratégias e quando não, e quando parte da estratégia é manter redes de suporte ativas ou não. Conhecendo as relações em que as redes são ativas ou não e as características de cada uma se oferecem ferramentas de planejamento onde se mensura o papel da família como meio de suprir as necessidades de um grupo que representa uma proporção cada vez maior da população.

Figura 5 - Diagrama de pontos simétricos da análise de correspondência das relações de parentesco por área urbana da UD de referência e trocas de ajuda e visitas.



Fonte: Representação Gráfica da saída de dados da Análise de Correspondência obtida através do pacote estatístico R com dados tabulados e trabalhados pela autora a partir do banco de dados dos surveys urbanos do projeto *Amazonian Deforestation and the Structure of the Households - phase II*

Considerações finais

Os resultados demonstram que todos os elementos analisados influenciam as estratégias, seja através das relações de gênero, parentesco, idade, ou através do tipo de troca. Entretanto a localidade de moradia do parentes pareceu ser uma variável de duplo sentido, em que ao mesmo tempo que qualifica uma distância (física e emocional) de alguns parentes em relação a (o) responsável pela UD, em outros poderia qualificar uma multi-localidade de moradia dos parentes como parte das estratégias familiares. Dentre os dados que provocaram certa surpresa estão a independência dos domicílios, talvez devido ao acesso facilitado a serviços como saúde e educação e talvez melhores condições de moradia, levantando a hipótese de residir em áreas urbanas como um mecanismo de acesso a serviços que minimizam a necessidade de ajuda, limitando a atividade das redes familiares. Acrescente-se o fato de que as redes familiares parecem estar mais operantes na área urbana de Santarém, onde parentes parecem estar mais próximos, e cuja população urbana tem o maior porte, mas onde as desigualdades econômicas são também maiores. Ao passo que em Altamira, as redes familiares parecem recrudescer e se diferenciar em termos de intensidade e características, sendo a localidade onde há menor ligação entre os domicílios de pais e filhos e quando há ela está mais ligada à trocas entre pais e sogros com a UD de seus filhos. Finalmente em Lucas do Rio Verde, as redes, embora menos operantes se sustentam mais em remessas de dinheiro, particularmente à mães e sogras. O que pode acrescentar à qualificação da migração para áreas urbanas em Lucas do Rio Verde (Carmo et al. 2012) como uma busca por trabalho e renda que quando necessário é convertido em suporte ao domicílio de origem.

Tais tendências parecem apontar para o papel das áreas urbanas na distribuição e dinâmica da população na Amazônia, onde de certa forma ainda se pode seguir o argumento de Becker (1990) de que a forma de ocupação da região é dada pelo urbano como centro de sua estruturação e desenvolvimento. Observa-se contudo que em áreas onde a escolha por residência urbana já está bastante consolidada como em Santarém, mas as diferenças de renda são mais pronunciadas, a rede familiar parece ainda estar mais ativa (visto as associações positivas com trocas, local de residência, e visitas). De forma que se há um fator determinante nas estratégias de domicílios urbanos que acabam por se tornar mais independentes está o fato de que o acesso a serviços, e melhores condições de vida parecem ser essenciais. As áreas urbana parecem dar as condições para que as estratégias se multipliquem, permitindo variações no tamanho do grupo que está envolvido no planejamento e execução da estratégia, e melhor ajustando-se aos constrangimentos e vulnerabilidades que pretendem mitigar. Finalmente, a menor dependência financeira e menor necessidade de cuidados diretos dos pais pelos filhos corroboram o fato apontado por Carvalho e Wong (2008) de que o envelhecimento da população deve ser entendido também como um processo visto pelo viés das relações intergeracionais que não tem não um, mas diversos caminhos possíveis.

Referências bibliográficas

- Barbieri, A.F. & Pan, W.K., 2013. People, Land, and Context: Multilevel Determinants of Off-farm Employment in the Ecuadorian Amazon. *Population, Space and Place*, 19(5), pp.558–579. Available at: <http://doi.wiley.com/10.1002/psp.1733> [Accessed August 20, 2013].
- Bartholomew, D.J. et al., 2008. Correspondence Analysis. In D. J. Bartholomew et al., eds. *Analysis of Multivariate Social Science Data*. Boca Raton, FL: Taylor & Francis Group/Chapman & Hall/CRC, pp. 83–116.

Bebbington, A., 1999. Capitals and Capabilities: A Framework for Analyzing Peasant Viability, Rural Livelihoods and Poverty. *World Development*, 27(12), pp.2021–2044. Available at: [http://dx.doi.org/10.1016/S0305-750X\(99\)00104-7](http://dx.doi.org/10.1016/S0305-750X(99)00104-7).

Becker, B.K., 1990. *Fronteira Amazônica: questões sobre a gestão do território.*, Brasília: Editora da UNB.

Caldwell, J., 2008. Three fertility compromises and two transitions. *Population Research Policy Review*, 27(4), pp.427–466.

Camarano, A.A. et al., 2004. Caminhos para a vida adulta: As múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. *Ultima Década*, (21), pp.11–50.

Camarano, A.A., 2002. ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA : UMA CONTRIBUIÇÃO DEMOGRÁFICA. *Textos para discussão*, (858), p.31p.

Carmo, R.L. do et al., 2012. Agroindústria, grandes projetos de infraestrutura e redistribuição espacial da população: Tendências populacionais recentes no Mato Grosso e Pará. *Cadernos de Estudos Sociais*, 27(2), pp.58–90.

Carmo, R.L. do & D'Antona, Á. de O., 2011. Transição demográfica e a questão ambiental: para pensar população e ambiente. In R. L. do Carmo & Á. O. D'Antona, eds. *Dinâmicas demográficas e ambiente*. Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, pp. 13–23.

Carvalho, J.A.M. de & Wong, L.L.R., 2008. A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XXI. *Cadernos de saúde pública*, 24(3).

Carvalho, J.A.M. & Garcia, R.A., 2003. O envelhecimento da população brasileira : um enfoque demográfico. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(3), pp.725–733.

Cosío, M.E.Z. de, 1995. Dos modelos de transición demográfica en América Latina. *Perfiles Latinoamericanos*, (6), pp.29–47.

Dyson, T., 2011. The Role of the Demographic Transition in the Process of Urbanization. *Population and Development Review*, 37, pp.34–54. Available at: <http://doi.wiley.com/10.1111/j.1728-4457.2011.00377.x> [Accessed June 5, 2013].

Garay, S., Redondo, N. & Oca, V.M. de, 2009. Cambios en los hogares con población envejecida en Argentina y México : algunas aproximaciones a las transformaciones familiares derivadas de la transición demográfica. *Revista Latinoamericana de Población - Relap*, 13(1), pp.21–41. Available at: http://alapop.org/2009/SerieInvestigaciones/Relap13_1.pdf.

Greenacre, M. & Nenadic, O., 2013. Computation of multiple correspondence analysis, with code in R. Available at: <http://repositori.upf.edu/handle/10230/678> [Accessed January 24, 2014].

Guedes, G. et al., 2011. Ciclo de vida domiciliar, ciclo do lote e mudanças no uso da terra da Amazônia: revisão crítica da literatura. *Revista Brasileira de Estudos de População - REBEP*, 28(1), pp.231–240.

Guedes, G.R., Queiroz, B.L. & Vanwey, L.K., 2009. Transferências intergeracionais privadas na Amazônia rural brasileira. *Nova Economia*, 19(2), pp.325–357.

Hogan, D.J., D’Antona, Á. de O. & Carmo, R.L. do, 2008. Dinâmica demográfica recente da Amazônia brasileira. In M. Batistella, E. F. Moran, & D. S. Alves, eds. *Amazônia: Natureza e sociedade em transição*. São Paulo: Edusp, pp. 71–116.

Padoch, C. et al., 2008. Urban Forest and Rural Cities: Multi-sited Households , Consumption Patterns , and Forest Resources in Amazonia. *Ecology & Society*, 13(2), p.article 2. Available at: <http://www.ecologyandsociety.org/vol13/iss2/art2>.

Prado, R. de P.S., 1982. Conceito de família e domicílio. *Revista Brasileira de Estatística*, 43(170), pp.275–299.

Rakodi, C., 1995. Poverty lines or household strategies?: A review of conceptual issues in the study of urban poverty. *Habitat International*, 19(4), pp.407–426. Available at: [http://dx.doi.org/10.1016/0197-3975\(95\)00037-G](http://dx.doi.org/10.1016/0197-3975(95)00037-G).

Sá, M.E.R., Costa, S.M.G. da & Tavares, L.P. de O., 2006. O rural-urbano em Santarém: interfaces e territórios produtivos. In *O rural e o urbano na Amazônia: Diferentes olhares em perspectivas*. Belém: EDUFPA, pp. 113–157.

Sawyer, D., 1996. População e meio ambiente na Amazônia brasileira. In G. Martine, ed. *População, Meio Ambiente e Desenvolvimento. Verdades e Contradições*. Campinas: Editora da Unicamp, pp. 149–170.

De Sherbinin, A. et al., 2008. Rural Household Demographics, Livelihoods and the Environment. *Global environmental change : human and policy dimensions*, 18(1), pp.38–53. Available at: <http://dx.doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2007.05.005> [Accessed February 15, 2013].

VanWey, L. & Vithayathil, T., 2013. Off-farm Work among Rural Households: A Case Study in the Brazilian Amazon. *Rural Sociology*, p.n/a–n/a. Available at: <http://doi.wiley.com/10.1111/j.1549-0831.2012.00094.x> [Accessed February 6, 2013].